

O SANTUÁRIO E SEUS RITUAIS

“A lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” Isaías 8:20

Caros irmãos, se nossa fé não puder alicerçar-se num fundamento seguro, livre de qualquer inconveniência; então, fatalmente não subsistiremos ante as forças do mal que tem feito e continuarão a fazer constante pressão sobre nós. É a nossa fé e nossa esperança que está em jogo e, se diante das mais difíceis situações e conseqüente frieza alheia, nosso amor não for capaz de permanecer aquecido; é óbvio que certamente, haveremos de fracassar. A tempestade se aproxima velozmente. Os adventistas históricos têm procurado restaurar a **Verdade Presente** ao seu devido lugar; no entanto, Satanás vendo isso, tem procurado de todo jeito introduzir fanatismo por meio de toda sorte de idéias extremadas. É assim que pretendemos mostrar aos nossos demais irmãos adventistas que somos um movimento genuíno, equilibrado e restaurador?

“Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia e a Bíblia só, como padrão de todas as doutrinas e base de todas as reformas... Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, deveríamos exigir um claro “Assim diz o Senhor.” O Grande Conflito, pág. 587 – As Escrituras – Uma Salvaguarda.

Aproxima-se o momento em que, teremos de erguer as Escrituras perante as multidões, em meio à terrível crise religiosa e; nesta hora não poderemos titubear sobre nossa devida compreensão da mesma. Tenho sentido o poder do engano; e vos afirmo que, qualquer que resvalar seus pés da **Bíblia Sagrada**, tornar-se-á inevitavelmente vítima do engano com poucas chances de vir a se livrar dessa malha enfeitiçante. Com respeito aos Testemunhos, creio tanto nesses que, estou disposto a desconsiderar qualquer coisa contida neles que não fundamente-se na Lei, segundo a própria instrução deste: **Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados.** Primeiros Escritos, pág. 78.

Como Martinho Lutero, minha consciência está cativa a Palavra de Deus e; conquanto a luz brilhe mais nos meus dias do que nos dias dele, prova-se nisso que a revelação da verdade avança para os que amam o exame da mesma. Esse era o espírito dos pioneiros adventistas. Urias Smith e outros criam em Jesus como um Filho criado; entretanto, mais tarde veio a compreender e aceitar que Cristo era na verdade um Filho gerado. Uma consciência cativa a Palavra de Deus sempre aceitará suas interações acima de qualquer conceito pré-estabelecido; porque em suma, unicamente por essa é que seremos julgados.

O SACRIFÍCIO DIÁRIO

À luz das Escrituras, o cerimonial típico do Antigo Testamento temos que, a ministração do sangue dos animais sacrificados era geralmente restrita ao próprio altar de holocausto, localizado no pátio do santuário; isto é, do lado de fora deste. O sangue podia ser aspergido “em redor sobre o altar” (Lv 1:5 e 11), posto “sobre os chifres do altar” (Lv 4:25, 30 e 34; 8:15; 9:9; 16:18), escorrido “na parede do altar” (Lv 1:15; 5:9) ou derramado “à base” daquele altar (Lv 4:7, 18, 25, 30 e 34; 5:9; 8:15; 9:9). Tais serviços incluíam os sacrifícios da manhã e da tarde. No capítulo 28 de Números, temos a ordem do sacrifício diário e, em Levítico no capítulo 1, temos o processo para a execução de tal ordem. Leiamos o que nos diz Andraesen:

“O serviço diário incluía a oferta de um cordeiro sobre o altar das ofertas queimadas para cada manhã e tarde... Ao entrar o sacerdote no santuário para oferecer o incenso, o cordeiro para o sacrifício matutino, que fora previamente escolhido e apresentado ao Senhor, estava atado a uma das argolas que havia no soalho, do lado norte do altar. A traquéia-artéria e a goela do cordeiro eram cortadas com uma faca, e o sangue apanhado numa tigela de ouro, e aspergido ao redor sobre o altar. Depois disso o animal era esfolado e cortado em vários pedaços. As entranhas se colocavam sobre uma das mesas de mármore designadas para isso, sendo lavadas. Em seguida, seis sacerdotes levavam esses pedaços para cima do altar, onde eram arranjados em ordem, e queimados. Outro sacerdote levava a oferta de manjares de farinha; outro ainda, a oferta de manjares cozidas do sumo sacerdote; e ainda outro a oferta das libações. As ofertas eram todas salgadas antes de serem colocadas sobre o altar. Enquanto isto tinha lugar fora, o sacerdote cujo serviço era oferecer o incenso, entrava no lugar santo.” O Ritual do Santuário, pág. 135

Vemos aqui, que o sangue do sacrifício diário não era levado para dentro do lugar santo. De acordo com a Palavra de Deus não era isso que se sucedia no ritual do santuário terrestre. Eu posso até sustentar o contrário; mas não com base num **Assim diz o Senhor**. O problema de muitos jaz nas opiniões formadas e petrificadas que, com aparência de zelo farisaico, se dispõem a rejeitar aquilo que o próprio **SENHOR** declarou. Se hoje enxergamos essa luz com mais clareza que outros no passado; porque ignorar? Não se firma nossa fé na Palavra Divina? Eu acredito

que, quando a mente de uma pessoa é verdadeiramente cativa a Palavra de Deus, não importa o tempo, nem o lugar e, nem mesmos as circunstâncias; ela sempre se submeterá humildemente a esta.

SANGUE NO LUGAR SANTO

Em que situações, unicamente, o sangue da vítima era levado para o lugar santo? Nos casos especiais de pecado “por ignorância” de algum “sacerdote” ou de “toda a congregação de Israel”, parte do sangue de um novilho sacrificado era levada para dentro do Lugar Santo, aspergida sete vezes “diante do véu do santuário” (Lv 4:6 e 17) e posta “sobre os chifres do altar do incenso” (Lv 4:7 e 18). O restante do sangue era derramado “à base do altar de holocausto” (Lv 4:7 e 18). Notemos que, o capítulo 4:1 e 2 de Levítico, começa referindo-se aos israelitas tratando dos pecados por “inadvertência”; logo então são apresentados quatro casos com respeito a esse pecado e seus respectivos procedimentos quanto aos mesmos.

- 1) **Sacerdote** (vs. 3-11) – No caso de o sacerdote cometer este pecado, ele ofereceria um novilho grande e sem defeito, pondo a mão sobre a cabeça do mesmo e o imolando. Parte do sangue deste era então levado para o santo.
- 2) **Assembléia de Israel** (vs. 13-21) – No caso de toda a comunidade incorrer em tal pecado, não se dando conta do mesmo. Note-se que não se trata aqui de pecados conscientes. A nação deveria oferecer um novilho grande e sem defeito. Uma vez que o pecado era coletivo, os anciãos representantes do povo é quem deveriam colocar as mãos sobre a cabeça do animal imolando-o. Parte do sangue deste também era levado para o santo.
- 3) **Príncipe** (vs. 22-26) – No caso de um príncipe praticar este pecado, deveria trazer um bode, sem defeito. Colocar a mão sobre a cabeça do mesmo e o imolá-lo. Nesse caso, o sangue não era levado para o santo; mas colocado nos chifres do altar dos holocaustos e derramado na base do mesmo.
- 4) **Indivíduo** (vs. 27-35) – No caso de um indivíduo cair neste pecado, deveria trazer uma cabra fêmea, sem defeito. Colocar a mão sobre a cabeça desta e imolar a mesma. Também nesse caso o sangue não era levado para o lugar santo; mas colocado sobre as pontas do altar dos holocaustos e o restante derramado sobre a base do altar dos holocaustos.

Como não é de se admirar, existem aqueles que fazem má aplicação a estes textos para sustentar aquilo que a Bíblia não autoriza. Me refiro a teoria da aspensão contínua de sangue literal no santuário celeste. Estes se põem a formar doutrina em cima dos Testemunhos; coisa que os pioneiros nunca fizeram e, Ellen nunca incentivou. No entanto, a verdade permanece inalteradamente dando testemunho do que é e do que não é. Vimos aqui que, os únicos casos em que o sangue era levado para o lugar santo era envolvendo o pecado do sacerdote e da comunidade; e isto, em se tratando do pecado de “ignorância”. Andreasen tem mais a dizer sobre isso:

“Quando o sacerdote ungido pecava, não havia ninguém mais alto em ordem para levar o pecado. Nesse caso a carne era comida, mas o sangue era levado para o santuário, sendo aí aspergido perante o véu. O mesmo se fazia no caso de toda a nação pecar como nação. A carne não era comida, mas o sangue levado para o santuário, e aí aspergido perante o véu.” O Ritual do Santuário, pág. 142.

Sendo assim, o sacrifício diário, o sacrifício pelos pecados individuais e outros sacrifícios mais; não tinham o sangue da vítima levado para o lugar santo. O mesmo ficava restrito ao altar dos holocaustos; como nos dias de Adão, Enoque e Abraão. Ali, segundo as Escrituras no caso de pecados, ocorria “o rito da expiação” (1:4). A própria mensageira se refere a isto como “*Sacrifício Expiatório*”: **“Na genuína fé para a salvação há confiança em Deus, por meio da crença no grande sacrifício expiatório efetuado pelo Filho de Deus, no Calvário.”** Signs of the Times, 3 de Novembro de 1890.

“As ofertas pelo pecado e pelas transgressões, eram as mais importantes. Expiavam pecados individuais, restituindo ao ofensor o favor divino... O sangue da vítima sacrificial nem sempre era levado para o santuário, para ali ser aspergido perante o véu. Isto, como já foi anteriormente notado, só se fazia no caso do sacerdote ungido e de toda a congregação. Lev. 4:5, 6, 16 e 17.” O Ritual do Santuário, pág. 142. Mais claro que isso!

SIGNIFICADOS DOS SÍMBOLOS

Sobre a expiação diária no pátio, Andreasen continua dizendo: **“Os sacrifícios da manhã e da tarde eram simbólicos, não só da expiação provida mediante o cordeiro, mas também da consagração da nação a Jeová. A vítima inteiramente consumida sobre o altar, era um emblema dos que diariamente se consagravam a Deus, pondo-se com tudo quanto tinham sobre o altar, e que estavam dispostos a seguir o Cordeiro aonde quer que os**

conduzisse. De manhã e de tarde suas orações ascendiam ao Deus de Israel, misturadas com o suave incenso da justiça e perfeição de Cristo... Como os sacrifícios matutino e vespertino simbolizavam a diária consagração da nação a Deus e também sua confiança no sangue expiatório, como a oferta de incenso simbolizava os méritos e a intercessão de Cristo, como as lâmpadas representavam a luz de Deus iluminando a alma e esclarecendo a palavra, assim o pão da proposição representava o reconhecimento, por parte do homem, de sua dependência de Deus, tanto quanto ao alimento temporal, como quanto ao espiritual, recebidos unicamente mediante os méritos e a intercessão de Cristo, que é o pão que desceu do Céu. S. João 6:48-51. O serviço diário provia assim expiação por meio do sangue do cordeiro; intercessão mediante a ascendente nuvem de incenso; vida física e espiritual, através do pão da proposição; e luz por meio da lâmpada no castiçal. Olhando do ponto de vista humano, o serviço diário significava consagração, ilustrada pelo cordeiro sobre o altar; oração, por meio do fumo do incenso; reconhecimento de completa dependência de Deus quanto ao pão de cada dia; e compreensão de que, unicamente mediante a luz derramada por Deus em nosso caminho, podem nossas vidas e mentes obscurecidas ser iluminadas. O Ritual do Santuário, pág. 140 e 141.

Andreasen, no apêndice final de seu livro, em se tratando do serviço diário, coloca algumas citações de Ellen G. White sobre o estudo deste serviço no santuário (ver pág. 293). O interessante é que, ele coloca apenas os textos que corroboram um **“Está Escrito”**. Aquelas declarações que não coincidem com o relato bíblico, ele não as usa. É óbvio que ele notou algumas contradições. Prova isso que Andreasen não cria nos Testemunhos? Absolutamente não! Isso apenas prova que, o espírito de coerência dos pioneiros em relação a autoridade da Palavra de Deus, ainda era resguardado por Andreasen e, em ter ele recebido um pouco mais de compreensão sobre tal assunto, confirmando mais ainda a verdade bíblica do santuário, procurou agora conciliar a Bíblia e os Testemunhos com o devido sentido do mesmo. Coloco aqui, algumas citações de Ellen, apresentadas no livro de Andreasen:

A Palavra de Deus - “... É a verdade bíblica, revelando os perigos que estão para sobrevir a nós. Esta luz deveria levar-nos ao estudo diligente das Escrituras e a um exame crítico das posições que adotamos. Deus deseja que todas as posições da verdade sejam completamente examinadas com oração e jejum. Os crentes não devem descansar em suposições e idéias mal definidas do que constitui a verdade. Sua fé deve estar firmemente alicerçada sobre a Palavra de Deus...” O Ritual do Santuário, pág. 296

O Holocausto Diário - “O culto cotidiano consistia no holocausto da manhã e da tarde, na oferta de incenso suave no altar de ouro, e nas ofertas especiais pelos pecados individuais. E também havia ofertas para os sábados, luas novas e solenidades especiais...” O Ritual do Santuário, pág. 310

O Sacrifício e o Incenso - “Na oferta do incenso o sacerdote era levado mais diretamente à presença de Deus do que em qualquer outro ato do ministério diário... O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo... Quando os sacerdotes, pela manhã e à tardinha, entravam no lugar santo à hora do incenso, o sacrifício diário estava pronto para ser oferecido sobre o altar, fora, no pátio...” O Ritual do Santuário, pág. 311 e 312

SANGUE NO LUGAR SANTÍSSIMO

De acordo com o livro de Levítico, agora se tratando do dia da expiação, o Sumo-sacerdote, após matar o bode da expiação; levava o sangue da vítima e aspergia-o sobre o propiciatório. Segundo as Escrituras, ele fazia isso por sete vezes sobre o propiciatório, o templo e o altar de holocaustos (Ler Lev. 16:1-20). Note-se que neste dia de expiação (dia de 24hs.), a aspersão do sangue literal era um **ato único** e não um **ato contínuo**; ou seja, o oficiante não passava o dia inteiro da expiação, minuto a minuto, aspergindo sangue. Tal feito só tinha lugar após a morte do animal e, em seguida, o aspergimento. Assim como, desde 1844 o dia da expiação não é um dia literal de vinte e quatro horas; da mesma forma, Cristo também não apresenta sangue vinte e quatro horas por dia hoje. O único texto que encontramos nos testemunhos, de forma clara, direta e objetiva sobre a aspersão do sangue literal de Cristo sobre o propiciatório no santíssimo, é este que iremos ler:

“Ainda carregando a humanidade, Ele ascendeu aos céus, triunfante e vitorioso. Ele levou o sangue da expiação ao santíssimo, espargiu-o sobre o propiciatório e sobre sua própria veste, e abençoou o povo. Logo, ele virá pela segunda vez para declarar que não há mais sacrifício pelo pecado.” Signs of the Times, 19 de Abril de 1905.

- **Ele levou o sangue da expiação ao santíssimo** – A nova teologia nega que Cristo tenha levado o sangue literal para o santuário e que a obra de expiação prossiga lá; uma vez que para a nova teologia a mesma foi completa na cruz. Nós adventistas históricos, cremos que Ele levou e o espargiu sobre o propiciatório e que a obra da expiação prossegue. Tanto é que, nossa confissão de fé (Nisto cremos) é a mesma elaborada e crida pelos pioneiros.

Entretanto, não ousamos ir além fazendo afirmações anti-bíblicas e absurdas de sacrifício e aspersão contínua. O pioneiro O. L. Crozier confirma a declaração da senhora White: **“Portanto, Ele não iniciou a obra da expiação propriamente dita se não somente depois de Sua ascensão, quando então por Seu próprio sangue entrou, por nós, no santuário celestial. O sacerdote não entrava no santuário sem ter o que oferecer. Cristo ofereceu Seu próprio sangue em nosso favor.”** The Day Star, 7 de Fevereiro de 1846. Cristo entrou no santuário após Sua ascensão e ofereceu Seu sangue derramado.

- **Espargiu-o sobre o propiciatório e sobre sua própria veste** – O texto nos diz que Cristo espargiu-o. Não fala, espargindo-o. Se partirmos para a idéia de aspersão contínua, teremos então de admitir que Ele continua aspergindo o mesmo sobre suas vestes também. Há, porém, necessidade disso? É óbvio que não. O mesmo se dá com o propiciatório. Acredito que, se Cristo espargiu sangue mais de uma vez sobre o propiciatório, o fez no máximo sete vezes de acordo com a autoridade de um ***Está Escrito*** (Lev. 16:14 e 15). Fora isso; não podemos provar absolutamente nada naquilo que a bíblia faz silêncio.

- **Logo, ele virá pela segunda vez para declarar que não há mais sacrifício pelo pecado** – Surgem algumas perguntas. Por que Cristo em Sua ascensão foi direto para o santíssimo ao invés de, permanecer primeiro no lugar santo? O sangue levado não deveria ser aspergido sobre o propiciatório somente no dia expiação; ou seja, em 22 de outubro de 1844? Por que Ele o aspergiu ali, assim que adentrou o santuário? De acordo com um ***“Assim diz o Senhor”*** tal ato só tinha lugar num único dia, o dia da expiação. Entretanto, ***“A exemplo do sumo sacerdote que punha de lado suas magnificas vestes pontificais, e oficiava trajando a branca vestimenta de linho de um sacerdote comum, também Cristo esvaziou-Se, tomando a forma de servo, e ofereceu o sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima (The Southern Watchman, 6 de Agosto de 1903).”*** Assim como Cristo foi o sacerdote e a vítima ao mesmo tempo no pátio da terra perante o altar do Gólgota, efetuando uma redenção eterna (Hb. 10:12-14); assim também, uma vez que efetuou tal redenção eterna, adentrou diretamente ao santíssimo para espargir o sangue sobre o propiciatório que contém a lei, uma vez que satisfaz seus requerimentos de uma vez por todas. ***“O Seu sangue derramado [não derramando], o Seu corpo quebrantado [não quebrantando] satisfaz os reclamos da lei transgredida, e assim transpôs o abismo causado pelo pecado. Sofreu na carne para que com Suas feridas e o corpo despedaçado pudesse cobrir o pecador indefeso. A vitória conquistada em Sua morte no Calvário quebrou para sempre o poder acusador de Satanás sobre o universo (Manuscrito 50, 1900).”*** Feito isto, regressou ao lugar santo. No dia da expiação em 22 de outubro de 1844, Ele não precisou aspergir sangue no santíssimo, pois que, já o tinha feito. Apenas mudou de ministério. Por que fez assim? Porque o tipo não representa perfeitamente o antítipo. Os sacerdotes sacrificavam diariamente; Cristo sacrificou-se uma só vez, conforme lemos nas Escrituras. É por isso que o texto conclui dizendo: ***“Logo, ele virá pela segunda vez para declarar que não há mais sacrifício pelo pecado”.***

O TIPO DE SANGUE

A teoria da aspersão contínua é insustentável, porque não tem base bíblica tanto em sua causa quanto em seus efeitos. Como os defensores da guarda do domingo; o que vemos é o uso de textos que não tem nada haver com o contexto. Sangue burrifado continuamente demanda provisão contínua do mesmo. Alega-se que não devemos questionar quanto a isso; pois que também não sabemos como Cristo foi gerado. Ora, ora, tudo bem! A bíblia fala que Cristo foi gerado; agora onde está escrito que o sumo-sacerdote ou Cristo asperge sangue continuamente? Percebem a articulação argumentativa de um engano! Torno a repetir, de acordo com um Assim diz o Senhor, se Cristo aspergiu sangue mais de uma vez no santíssimo, o fez no máximo sete vezes.

“Como portador de pecados, e sacerdote e representante do homem perante Deus, Ele [Cristo] participou da vida da humanidade, assumindo nossa carne e nosso sangue. A vida está na viva, vitalizante corrente de sangue, e esse sangue foi dado em favor da vida do mundo (Carta 97, 1898).

As Escrituras sustentam que Cristo, verdadeiramente, participou de nossa carne e sangue (Hb; 2:14). O único sangue que expia nossos pecados é aquele que circula artérias e veias. Sendo assim, o sangue que Cristo aspergiu no propiciatório foi um sangue pecaminoso derramado na cruz do calvário – ***“esse sangue foi dado em favor da vida do mundo”.*** Sangue proveniente da ***“viva, vitalizante corrente de sangue”*** de um corpo glorificado, como é o caso do corpo de Cristo hoje, não tem valor para a expiação. Mais uma vez a teoria da aspersão contínua se demonstra insustentável.

Existem aqueles que, insistem em manter pontos de vistas extremados se ancorando nos testemunhos para fazer valer suas pretensões. Pegam palavras dos textos dos testemunhos como: ministrar, oferecer, aplicar, etc; para dizer que Cristo está ainda a espargir sangue no santuário. Ficou bem claro para o leitor que, segundo a Bíblia o

sangue dos sacrifícios diários e inúmeros outros sacrifícios de pecados pessoais de culpa consciente não eram adentrados no lugar santo; mas derramado a base do altar dos holocaustos? Isto é coerente porque, imagine o santuário diária e continuamente manchado de sangue coagulado e dando lugar a odores. Não seria uma cena aterradora diante da presença do Altíssimo? Temos aqui interpretações errôneas dos testemunhos, forçando-se estabelecer aquilo que a autora não o quis dizer. Já no dia da expiação, num único ato, o sangue era adentrado no santíssimo; o que fez Cristo quando ascendeu ao céu, como vimos acima.

Todas as vezes que vemos Ellen em visão vendo Cristo no Santuário em ação; nunca ela relata que Ele está a aspergir sangue. Ela sempre vê outras coisas; mas nunca isso. Fosse verdade tal teoria e ela não daria crédito registrando? Vejamos algumas visões da senhora White onde ela viu Cristo ministrando no Santuário.

“Em 1847, enquanto os irmãos estavam reunidos no sábado em Topsham, Maine, o Senhor deu-me a seguinte visão: Sentíamos um incomum espírito de oração. E ao orarmos o Espírito Santo desceu sobre nós. Estávamos muito felizes. Logo perdi de vista as coisas terrestres e fui arrebatada em visão da glória de Deus. Vu um anjo que voava ligeiro para mim. Rápido levou-me da Terra para a Cidade Santa. Na cidade vi um templo no qual entrei. Passei por uma porta antes de chegar ao primeiro véu. Este véu foi erguido e eu entrei no lugar santo. Ali vi um altar de incenso, o castiçal com sete lâmpadas e a mesa com os pães da proposição. Depois de ter eu contemplado a glória do lugar santo, Jesus levantou o segundo véu e eu passei para o santo dos santos. No lugar santíssimo vi uma arca, cujo alto e lados era do mais puro ouro. Em cada extremidade da arca havia um querubim com suas asas estendidas sobre ela. Tinham os rostos voltados um para o outro, e olhavam para baixo. Entre os anjos estava um incensário de ouro. Sobre a arca, onde estavam os anjos, havia um brilho de excelente glória, como se fora a glória do trono da habitação de Deus. Jesus estava junto a arca, e ao subirem a Ele as orações dos santos, a fumaça do incenso subia, e Ele oferecia suas orações ao Pai com o fumo do incenso.” Primeiros Escritos, pág. 32.

“Jesus não lhes justifica os pecados, mas apresenta o seu arrependimento pela fé, e, reclamando o perdão para eles, ergue as mãos feridas perante o Pai, e os santos anjos, dizendo: Conheço-os pelo nome.” Cristo em Seu Santuário, pág. 114.

“Meu sangue, Pai! Meu sangue! Meu sangue!... erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles.” Primeiros Escritos, pág. 38.

CONCLUSÃO

Jesus não espargiu sangue diariamente no lugar santo desde Sua ascensão, por que tal ato não tinha lugar no santuário terrestre. Cristo, hoje, oferece incenso com nossas orações, diante do propiciatório que contém as gotas do sangue literal que Ele aspergiu quando de Sua ascensão. **“Ainda carregando a humanidade, Ele ascendeu aos céus, triunfante e vitorioso. Ele levou o sangue da expiação ao santíssimo, espargiu-o sobre o propiciatório e sobre sua própria veste, e abençoou o povo. Logo, ele virá pela segunda vez para declarar que não há mais sacrifício pelo pecado.”** Signs of the Times, 19 de Abril de 1905. O sangue permanece ali como testemunha de Sua morte redentiva. Não se carece de aspergir sangue constantemente porque, isto seria o mesmo que eu ter de ser obrigado a assinar meu documento de identidade toda vez que tivesse de usá-lo. Uma única aspersão! Um único sacrifício! Uma única assinatura! Basta... e então o próximo passo é sua volta para nos buscar.

No nosso julgamento, Cristo ergue Suas mãos feridas, (não se diz que, de suas mãos feridas sai sangue ou asperge) e então reclama o perdão do Pai para nós; pois como diz Ellen ao Ele interceder por nós: **“Meu sangue, Pai, Meu sangue! Meu sangue!... erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles.”** Primeiros Escritos, pág. 38. Veja que neste momento de intercessão; ou seja, em ação, ela vê Ele erguendo as mãos e, não, aspergindo sangue. Ela ouve Ele falando do sangue que foi derramado e não derramando. Já repararam que, muitos estão pregando a doutrina católica da transubstanciação sem se darem conta.

Partindo para o aspecto prático de tudo isso, no que me acrescenta espiritualidade o entender que todas as vezes que eu peço e peço perdão, Cristo burrifa sangue no santuário? Se eu cometer dez vezes o mesmo erro; dez vezes Cristo burrifa sangue? Isso não me inclina mais ao fanatismo do que a santidade? Ora, se a quantidade de sangue que Cristo derramou por mim na cruz não foi o suficiente; Se o sangue que Ele levou e aspergiu sobre o propiciatório não foi o bastante; então, que tipo de fé é a minha? Deixo com cada qual que responda por si mesmo.

Seu irmão em Cristo,
Ev. Alexandre Botelho